

# Vamos Vencer as Guerras que Estamos Travando

John Nagl



Força Aérea dos EUA, Sgt Samuel Bendet

*Membros da 25ª Divisão de Infantaria conduzem operações de combate com o Exército iraquiano no meio de campos petrolíferos incendiados.*

*Sua missão permanece fixa, determinada, inviolável. É vencer nossas guerras.*

—General Douglas MacArthur<sup>1</sup>

**U**M IMPRESSIONANTE, SE não previsível, desenvolvimento na comunidade militar nos últimos dois anos tem sido a reação à divulgação do aprendizado da contrainsurgência no meio das atuais campanhas

no Iraque e no Afeganistão. Essas guerras incitaram mudanças muito necessárias na forma com que os EUA se preparam e dão prioridade à guerra irregular. Essas mudanças foram obtidas com sacrifício. Foram alcançadas somente após anos de sofrimentos e tribulações em épocas de guerra que custaram aos EUA um preço alto em dinheiro, material e vidas dos corajosos integrantes das Forças Armadas.

Apesar da natureza da tentativa de tais mudanças, existem aqueles que predizem os sinistros resultados para os EUA se as forças militares, particularmente o Exército, continuarem o processo de adaptação. Gian Gentile, um crítico eloquente da adaptação à contrainsurgência, escreveu que a ênfase exagerada coloca o Exército americano em uma condição perigosa. A sua capacidade de lutar guerras que consistem em batalhas diretas usando carros de combate e infantaria mecanizada corre o risco de atrofia.<sup>2</sup> E ele não está sozinho em suas observações. Três comandantes de brigada na Guerra do Iraque produziram um relatório governamental advertindo sobre a degradação da raramente usada artilharia de campanha, declarando que o Exército está “hipotecando a sua capacidade de travar a próxima guerra”.<sup>3</sup> O Secretário do Exército, Pete Geren, e o chefe do Estado-Maior, general George Casey, afirmam que o Exército está “desequilibrado”, em parte pelo “foco no treinamento para operações de contrainsurgência à custa de outras capacidades”.<sup>4</sup> Proeminentes pensadores no campo civil da comunidade acadêmica apresentaram argumentos similares.<sup>5</sup>

Com advertências tão terríveis, pode-se até esquecer que estamos, agora mesmo, no meio de uma guerra. A missão do Exército dos EUA é de lutar e vencer as guerras em que a Nação esteja empenhada. Quando os tiros estão voando, os

<sup>1</sup> O Tenente-Coronel John A. Nagl, Exército dos EUA, reformado, é

pesquisador sênior no Center for a New American Security.

soldados estão em perigo e o interesse nacional corre risco, o Exército precisa aplicar toda a sua capacidade para vencer as guerras que está travando no momento. Conflitos futuros são importantes, mas os conflitos atuais são críticos: os EUA não estão vencendo a campanha de contrainsurgência no Afeganistão e mesmo com grande custo, quase que não conseguiram recobrar a outra no Iraque, que estava à beira do colapso somente dois anos atrás. Um empenho contínuo em ambas as campanhas será provavelmente necessário nos anos vindouros. Os inimigos dos EUA na Guerra Longa — a organização do Al Qaeda e seus movimentos associados infestando outros Estados mundialmente — continuam determinados a atacar. Uma multidão de tendências, desde globalização até crescimento populacional e proliferação de armas, às quais o Exército reconheceu no seu mais recente relato anual da situação do Exército, sugere que a “era de conflito persistente” contra inimigos letais não-estatais não terminará no futuro imediato.<sup>6</sup> Por todos esses motivos, a segurança da Nação e seus interesses exigem que o Exército continue se adaptando à contrainsurgência bem como à Guerra Irregular, e que institucionalize essas adaptações para que não sejam esquecidas de novo.

### **Esquecendo as Lições — De Propósito**

Colocamos um Exército, do qual eu tinha feito parte por 37 anos, no campo de batalha. A verdade é que esse exército não possui qualquer doutrina, nem foi educado e treinado para lidar com uma insurgência. Após a Guerra do Vietnã, nós nos desfizemos de qualquer coisa associada com a guerra irregular ou insurgência, porque isso lembrava que tínhamos perdido a guerra. Em resumo: foi uma má decisão. Nós temos responsabilidade.

—General John Keane<sup>7</sup>

Os críticos declaram que, se adaptando mais completamente às exclusivas exigências da contrainsurgência, o Exército está se preparando para lutar a guerra passada. Nessa acusação, a “guerra passada” se refere não somente ao Iraque, mas também a um prévio conflito controverso. Conforme Gentile entende, aqueles que estão tentando aprimorar as capacidade de contrainsurgência do Exército estão “ocupados

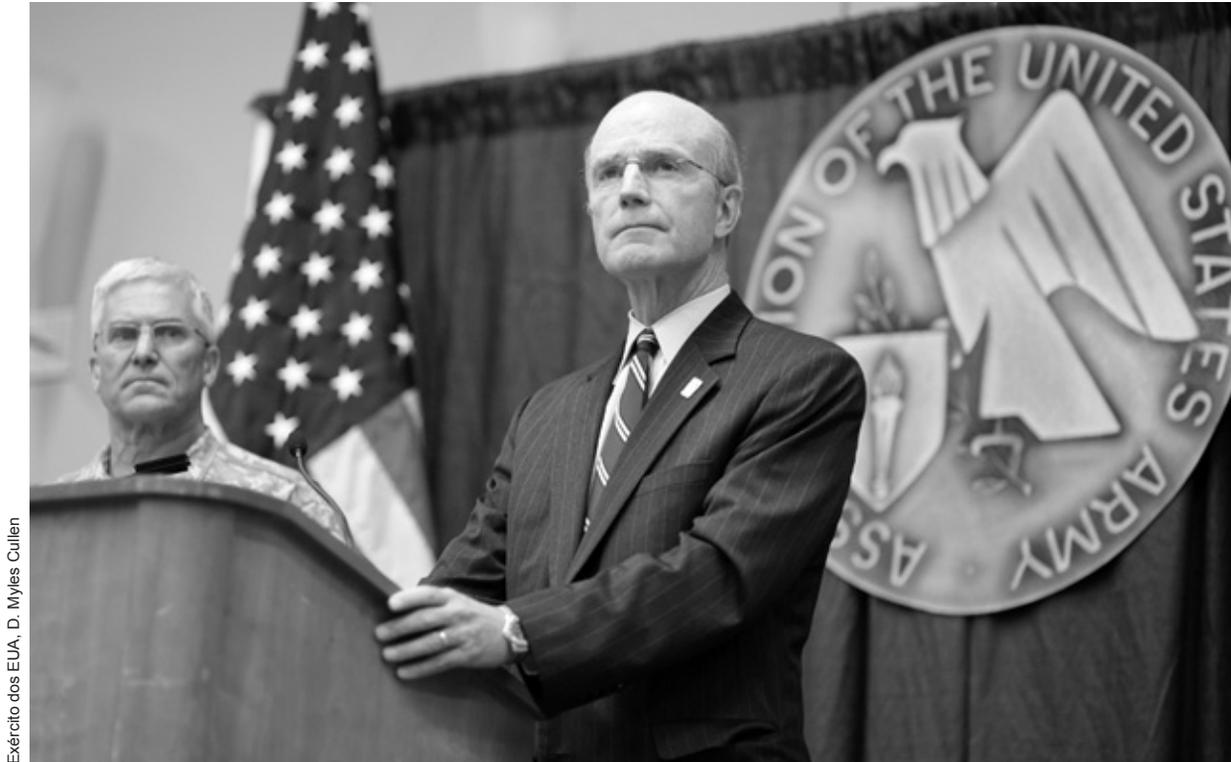
lutando a Guerra do Vietnã mais uma vez no Iraque”<sup>8</sup> Isso implica que o Exército não tem nada a aprender da experiência da contrainsurgência do Vietnã.

É interessante lembrar que essa era precisamente a opinião do Exército na ocasião. Depois da guerra, o Exército optou por se concentrar no combate convencional de grande escala e “esquecer” a contrainsurgência. Estudos criticando a mentalidade do Exército na Guerra do Vietnã foram amplamente esquecidos. A narrativa padrão foi promulgada pelo coronel Harry Summers em seu livro de 1982 intitulado “*On Strategy*: Em vez de nos concentrarmos no Vietnã do Norte — a origem da guerra — nós voltamos a nossa atenção ao sintoma — a guerra de guerrilhas no Sul.”<sup>9</sup> Summer argumentou que o foco da estratégia norte-americana deveria ter sido derrotar o Vietnã do Norte por meio de operações convencionais; a insurgência por si só era irrelevante. O general William Westmoreland e muitos outros concordaram com essa avaliação: “Os Estados Unidos falharam no Vietnã porque não usaram seu poder militar com a máxima vantagem”, em grande parte pelo microgerenciamento dos legisladores em Washington.<sup>10</sup> A solução era reconstruir um Exército voltado exclusivamente para alcançar vitórias operacionais decisivas no campo de batalha.

O Exército obviamente necessitava ser reconstruído após o Vietnã, e havia boas razões para voltar a dar ênfase no combate convencional. A ameaça da invasão soviética na Europa era um perigo real e iminente na época. O Exército pós-Vietnã era uma “força vazia”, destruída por deserções e abuso de drogas. Necessitava urgentemente ser imbuído de um novo sentido de missão, o que foi obtido por meio de revisões doutrinárias e um sólido desenvolvimento da força convencional no final dos anos 70 e durante os anos 80.

O lado sombrio dessa ressurreição, no entanto, foi a rejeição da guerra irregular como um componente significativo em um conflito futuro.

Em vez de repensar e melhorar a sua doutrina de contrainsurgência após o Vietnã, o Exército tentou enterrá-la, banindo-a em grande parte dos seus principais manuais de campanha e do currículo de suas escolas. A doutrina para operações de “contra guerrilha” ou “baixa intensidade” reapareceu nos anos 80, porém, o



Exército dos EUA, D. Myles Cullen

*O chefe do Estado-Maior do Exército, general Casey, e o secretário do Exército, Peter Geren, prestam informações aos membros do Congresso.*

Exército estimou tais missões como domínio das Forças de Operações Especiais. Ainda pior, essas modernizadas publicações doutrinárias recomendavam as mesmas operações e táticas convencionais centralizadas no inimigo, que tinham sido desenvolvidas no início dos anos 60, mais uma vez sem atenção ou consideração da segurança da população e a oposição da subversão política.<sup>11</sup> Fora como se a Guerra do Vietnã nunca tivesse acontecido.

O alto grau de desempenho do Exército na Operação *Desert Storm*, em 1991, comprovou a validade da sua reforma, porém, arraigou a mentalidade de que uma guerra convencional de Estado contra Estado era o futuro, enquanto contrainsurgência e guerra irregular eram contingências de menor importância. O Exército não se ajustou ao fato de que seu colega competidor tinha desmoronado, continuando, na década após o final da Guerra Fria, a se preparar para a guerra contra uma União Soviética que já não existia. Conforme Brian McAllister Linn escreveu na sua recente análise da história do Exército, a liderança do Exército de pós-Guerra Fria acreditava que “o Exército deveria se dedicar aos ‘imperativos’

organizacionais — doutrina, combinação de forças, recrutamento e acima de tudo, adestramento — nos quais já se distinguia.”<sup>12</sup>

Os desdobramentos para a Somália, Haiti e os Bálcãs, nos anos 90, colocaram o Exército cara a cara com diferentes tipos de missões que não aderiram ao modelo da *Desert Storm*. Apesar da relativamente alta demanda por suas forças em ambientes não convencionais, o Exército continuou a enfatizar “rápidas e decisivas operações de guerra por meio de amplas forças de combate” em sua doutrina e educação profissional. Por exemplo, “um ano após a humilhante retirada da Somália, estudantes da Escola de Comando e Estado-Maior aperfeiçoaram suas habilidades em um cenário baseado em uma União Soviética reconstituída lançando um amplo exército mecanizado contra a Otan.<sup>13</sup> A predominante ênfase em operações convencionais deixou o Exército incapaz de lidar efetivamente com as guerras que no final das contas teria que lutar, conforme o Secretário de Defesa Robert Gates observou:

*Nos anos que se seguiram à Guerra do Vietnã, o Exército relegou a guerra não-convencional*

às margens das prioridades de treinamento, doutrina e orçamento. Essa atitude poderia parecer validada pela vitória final na Guerra Fria e o triunfo na Desert Storm. Porém, deixou as Forças Armadas despreparadas para lidar com as operações que se seguiram: Somália, Haiti, os Balcãs e, mais recentemente, Afeganistão e Iraque — as consequências e custos com os quais ainda estamos batalhando hoje.<sup>14</sup>

*Despreparados* é uma palavra desagradável, porém o Iraque e o Afeganistão trouxeram realidades difíceis com as quais o Exército tem lutado para sobrepujá-las.

### O Fracasso em se Adaptar

*Nossa instituição militar parece ser impedida, pela sua própria rigidez doutrinária e organizacional, de entender a natureza dessa guerra e de fazer as modificações necessárias para aplicar seu poder de uma forma mais inteligente, econômica e, acima de tudo, mais relevante.*

—Brian Jenkins<sup>15</sup>

A falta de preparação do Exército era intensificada pelo fracasso em se adaptar completa e rapidamente às demandas da contrainsurgência no Iraque e no Afeganistão. No início de 2002, o Talibã parecia derrotado e o Afeganistão firme sob o controle dos aliados afegãos dos EUA.

A queda de Bagdá em abril de 2003, após uma campanha de três semanas, apresentou-se, inicialmente, como outra confirmação da superioridade das Forças Armadas dos EUA. Em ambos os casos, o inimigo tinha outras ideias. Planejamentos de contingência, arquitetados pelos líderes civis e comandantes militares, inadequados para assegurar a paz, contribuíram para as condições caóticas que propiciaram o surgimento de grupos insurgentes.

Com algumas notáveis exceções de baixo escalão, o Exército institucional não se adaptou a essas condições até que estivesse perigosamente perto de perder essas guerras.

As forças dos EUA não tinham formação em guerra irregular e, ao lidar com insurgências, reagiram aos desafios da forma costumeira.



Departamento de Defesa, Cabo Sam Kilpatrick, Exército dos EUA

Dois soldados dos EUA do 20º Regimento de Infantaria vigiam seu setor após desembarcar de uma viatura de assalto Stryker nos arredores de Mosul, no Iraque, 6 de agosto de 2006.

A história oficial do Exército sobre a Guerra do Iraque entre 2003 e 2005 demonstra que:

*Embora relativamente poucos soldados norte-americanos no Iraque em 2003 estivessem familiarizados com a guerra de contrainsurgência e seus teóricos, não demorou muito até que os conceitos básicos de contrainsurgência formassem parte do planejamento e operações do Exército dos EUA. Esse processo era indireto e baseado em requisitos imediatos ao em vez de experiência e doutrina. Na primavera e começo do verão, a maioria dos soldados avaliou a situação em suas áreas de operações, determinando as reações que eles consideravam ser importantes para tratar dos desafios singulares políticos, econômicos e militares nessas áreas.*<sup>16</sup>

Os eventos que ocorreram no Iraque (e também no Afeganistão), após o final de importantes operações de combate, camuflaram ligeiramente essa explicação otimista. Muitas tentativas iniciais e improvisadas de lidar com a contrainsurgência falharam em proteger a população contra ataques insurgentes e alienaram o povo por causa do uso excessivo da força.<sup>17</sup>

Muitas unidades, tais como o 3º Regimento de Cavalaria Blindada, sob o comando do coronel H. R. McMaster, desenvolveram e empregaram métodos eficazes e independentes de contrainsurgência centrada em populações, porém, tais melhoramentos não foram emulados em uma forma coordenada por toda a Força.<sup>18</sup> Foi somente em 2007 que o Exército, finalmente, adotou uma abordagem unificada que deu segurança efetiva à população e cooptou combatentes insurgentes reconciliáveis no Iraque — porém, o Exército não tem conseguido fazer tal façanha no Afeganistão.

Os bravos esforços e sacrifícios de soldados dos EUA, em ambos os teatros de operações, produziram, como resultado, menos que a soma das partes, devido à resistência institucional à mudança.

Ao mesmo tempo em que o aprendizado da contrainsurgência permeava entre os escalões, o Exército era vagaroso para reconhecer a necessidade de adaptar a sua doutrina, organização, treinamento e prioridades de aquisição para assegurar que suas forças estivessem preparadas corretamente para as guerras que estavam lutando.

O secretário Gates recentemente relatou aos oficiais na Universidade de Defesa Nacional: “Para cada engenhosa e heroica inovação dos militares e comandantes no campo de batalha, sempre havia alguma deficiência institucional no Pentágono que eles tiveram de sobrepujar.”<sup>19</sup> O Departamento de Defesa (DOD), de modo geral, ainda estava operando em uma posição de paz. O seu documentado fracasso em prover suficientes quantidades de Veículos sobre Rodas de Alta Mobilidade e Múltiplas Tarefas (*High Mobility Multipurpose Wheeled Vehicle - HUMVEE*) com blindagem reforçada, Veículos de Emboscada Protegidos e Resistentes a Minas e equipamento de vigilância para as tropas no terreno ilustra uma organização conduzindo negócios de maneira usual em uma hora de crise. O Exército, por seu lado, requer o Sistema de Combate do Futuro, a iniciativa de “Incrementar a Força” e mais brigadas de combate como a solução para seus problemas com as insurgências.<sup>20</sup> Por mais louváveis que esses planos de longo alcance sejam, não tratam adequadamente das necessidades imediatas dos conflitos atuais.

A falta de urgência, em meio a circunstâncias que mudam rapidamente, é um tema em evidência por todo o Exército quando o assunto em pauta é Iraque e Afeganistão. No Iraque, durante o surgimento do caos em 2006, o Exército optou pela sua fracassada estratégia de transferir rapidamente para as forças nativas a responsabilidade pela segurança, ao mesmo tempo em que permanecia insensível aos pedidos de aumento de efetivo para garantir a segurança da população.<sup>21</sup> As forças dos EUA no Afeganistão permaneceram com baixos contingentes, e para lutar contra o ressurgente Talibã tiveram que depender pesadamente de ataques aéreos, os quais serviram para matar e alienar grande número de civis. Em ambos os teatros de operações, a missão de treinar e assessorar as forças de segurança aliadas sofreu falta de recursos e ainda está organizada e operando de forma provisória. De acordo com o Gabinete de Responsabilidade do Governo (*Government Accountability Office — GAO*), a partir de abril de 2008, os Estados Unidos distribuíram somente 46% (1.019 de 2.215) do número de treinadores incorporados para o Exército Nacional Afegão, requeridos pelo Departamento de Defesa (*Department of*



Um fuzileiro naval dos EUA (direita) e um soldado estoniano durante uma operação de varredura em um refúgio inimigo.

*Defense* — DOD),<sup>22</sup> e somente 32% (746 de 2.358) dos requeridos mentores militares para a Polícia Nacional Afegã<sup>23</sup> — não obstante o fato de que a vitória nessa luta depende da capacidade dos EUA em gerar na nação anfitriã forças de segurança competentes.

O aspecto mais frustrante desses problemas é que eles representam um fracasso em aprender com a história.

Como Major Niel Smith, do Exército dos EUA, justificadamente lamenta, “é desconcertante que tenhamos levado três anos para desenvolver um método abrangente para a contrainsurgência em campanha quando muitas dessas ‘lições’ se encontravam nas estantes de livros da biblioteca do quartel.”<sup>24</sup> Os princípios-chave da contrainsurgência — incluindo a necessidade de proteger a população, subordinar medidas militares aos fins políticos, mínimo uso de força e trabalho por meio da nação anfitriã — não são novos. Profissionais, desde T. E. Lawrence até David Galula, e de Sir Robert Thompson até Robert Komer, esclareceram de forma convincente esses assuntos baseados

em extensiva experiência no Médio e Extremo Oriente. Embora essas lições tenham sido disponibilizadas gratuitamente, o Exército fracassou em não começar a institucionalizar o aprendizado de contrainsurgência antes de 2006, com o desenvolvimento conjunto do Manual de Campanha do Exército FM 3-24/Publicação de Combate do Corpo de Fuzileiros Navais 3-33.5, *Contrainsurgência (Counterinsurgency)*.

Em muitos aspectos, o Exército ainda não institucionalizou as lições de cinco anos de luta no Iraque e no Afeganistão. Comandantes de batalhão liderando operações de contrainsurgência no Iraque e como parte da “escalada de tropas” em 2007 e 2008 ainda não leram Galula ou outros textos essenciais para proteger e controlar a contrainsurgência.<sup>25</sup>

Instrumentos práticos para proteger e controlar a população, tais como medidas de identificação biométrica, permanecem escassos. Nenhuma direção doutrinária guia o esforço ainda improvisado de como orientar as forças de segurança iraquianas e afegãs. Também não existe nenhuma tentativa de incutir as verdades adquiridas com dificuldades sobre as guerras

de hoje na nova geração de soldados, como um jovem 2º Tenente no Curso Básico para Oficiais do Exército (*Army's Basic Officer Leader Course* — *BOLC*) recentemente descobriu:

*Eu concluí a terceira semana do curso agora. Durante o nosso tempo ocioso, eu li o Manual de Campanha 3-24. Diversas vezes meus colegas (tenentes) me perguntaram, “Que droga é essa?” Eles nunca ouviram falar disso. (Também nunca ouviram falar de Cobra II, Fiasco ou Assassin’s Gate, os quais eu tinha em minha posse.) Eu perguntei a um dos líderes do nosso grupo de oficiais instrutores se o assunto de operações de contrainsurgência (counterinsurgency operations — COIN) era parte do nosso currículo BOLC II, e ele me perguntou, “O que é COIN?”*<sup>26</sup>

Outras escolas do Departamento de Defesa fornecem aos alunos uma educação de contrainsurgência bem melhor. O Exército poderia aprender com o Curso de Infantaria para Oficiais do Corpo de Fuzileiros Navais, onde os estudantes são instados a ler o Manual de Campanha 3-24 e outra obras-chave de teóricos e profissionais tais como Galula e T. X. Hammes.

## Preparando para a Guerra Futura

*Corrigir o persistente e falho pensamento sobre conflitos futuros requer sobrepujar obstáculos significativos e o reconhecimento de que os adversários forçarão guerras reais, ao invés de imaginárias, sobre as forças militares até que tais forças demonstrem a capacidade de derrotá-los.*

—Coronel H.R. McMaster<sup>27</sup>

Esses pecados de omissão denunciam um Exército que não tem levado suficientemente a sério as guerras atuais. Quando o Exército está completamente engajado, com a metade de suas brigadas de combate desdobradas em duas guerras para as quais não está preparado adequadamente — incluindo uma que o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas “não está convencido que estejamos vencendo”<sup>28</sup> — é um dever claro se adaptar às necessidades das lutas atuais.

O fato de o secretário de defesa ter que lembrar que o Exército estava “despreparado” para as guerras e que era necessário alertar e admoestar a respeito da “fixação com a Próxima Guerra”,

ilustra a mentalidade perniciosa de que guerra irregular é um fenômeno passageiro, de menor importância que os conflitos convencionais.<sup>29</sup>

De fato, seria conveniente se fosse esse o caso. Desafortunadamente, os conflitos no Iraque e no Afeganistão ameaçam os interesses-chave dos EUA e se forem deixados sem solução poderão ser os precursores de guerras vindouras.

A conversa sobre o extremo engajamento nas guerras atuais sugere que existe algo mais premente no horizonte. Michael Mazarr, por exemplo, afirma que as forças militares deveriam evitar a guerra irregular porque guerras de grande escala “caso ocorressem, engajariam os interesses dos EUA e eclipsariam qualquer coisa em jogo em contingências, tais como a Somália e até mesmo o Afeganistão.”<sup>30</sup>

Aparentemente, o Iraque, localizado no âmago do Oriente Médio e em cima da falha linha entre os dois maiores grupos do Islã e também na segunda maior comprovada reserva global de petróleo, não está colocando pressão suficiente.

As condições de quase-guerra civil que prevaleceram lá em 2005 e 2006 trouxeram uma intervenção dissimulada iraniana e poderiam ter atraído o envolvimento da Arábia Saudita e outros Estados árabes sunitas, tornando-se um teatro para uma guerra desestabilizadora, por procuração, entre os poderes competidores da região. O Afeganistão, por enquanto, é o ponto focal na Guerra contra o Terror. O Talibã, com seus aliados tribais, procura expulsar os Estados Unidos e a Otan para recuperar o controle do país. A mesma insurgência ameaça a estabilidade do Paquistão, um país que possui armas nucleares e que no momento é uma base para o Al Qaeda. Dando ao Talibã mais espaço para respirar, teríamos consequências desastrosas para a segurança de toda a região e para os Estados Unidos.<sup>31</sup>

Uma análise do registro histórico revela que os Estados Unidos se envolvem bem mais em missões ambíguas de contrainsurgência e reconstrução de nação do que confrontam a guerra integral. O novo Manual de Campanha 3-07, *Stability* (Estabilidade), nota corretamente que “Contrária à crença popular, a história militar dos Estados Unidos é caracterizada por operações de estabilidade, interrompidas por episódios distintos de grandes combates.”<sup>32</sup> Somente depois do final da Guerra Fria, as Forças Armadas dos EUA

foram desdobradas para efetuar e manter a paz em locais afastados como a Somália, Bósnia e Kosovo. Demandas similares somente aumentarão em um mundo globalizado onde problemas locais, progressivamente, não permanecem locais e onde “a mais provável ameaça catastrófica à nossa terra natal – por exemplo, uma cidade americana envenenada ou reduzida a escombros por um ataque terrorista — é mais provável de ser emanada de Estados falidos do que de Estados agressores.”<sup>33</sup>

Além do mais, tais tendências, como um súbito aumento da porcentagem de jovens [fenômeno conhecido como *youth bulge*] e a urbanização em Estados subdesenvolvidos, tanto quanto a proliferação de armamentos mais letais, apontam para um futuro dominado por insegurança local caótica e conflitos em vez de confronto entre exércitos e marinhas de nações-estado.<sup>34</sup> Esse futuro de conflitos persistentes de baixa intensidade por todo o mundo sugere que os interesses Americanos estão em risco, não se originando de competidores similares, mas do que é chamado de “insuficiência global de capacidade de segurança.”<sup>35</sup> Como tal, as Forças Armadas dos EUA tendem mais a ser chamadas para deter insurgências, intervir em conflitos civis e crises humanitárias, reconstruir nações e travar guerras de tipos não convencionais do que lutar contra forças armadas similares. Não se terá o luxo de se optar em não fazer parte [dessas missões] porque elas não se adaptam ao molde do estilo americano preferido de lutar a guerra.”<sup>36</sup>

Ambos os inimigos estatais e não-estatais procurarão formas mais assimétricas de confrontar os Estados Unidos e seus aliados. A superioridade militar convencional dos EUA, que permanece substancial, levará muitos deles a mesma conclusão: Que quando eles lutam contra os EUA de modo convencional, eles perdem horripantemente em dias ou semanas. Quando eles lutam não convencionalmente empregando táticas de guerrilha, terrorismo e operações de informação, eles possuem uma melhor chance de sucesso. Não está claro que mesmo um inimigo poderoso desejaria arriscar uma custosa decisão de igual para igual no campo de batalha com os Estados Unidos. Como o secretário Gates disse, “Simplesmente dizendo, nosso inimigos e adversários potenciais — incluindo estados-nação — foram à escola conosco. Eles viram o que a tecnologia e poder de fogo dos EUA fizeram ao exército de Saddam

em 1991 e novamente em 2003, e eles viram o que [dispositivos explosivos improvisados] estão fazendo às forças militares americanas hoje.”<sup>37</sup>

O ambiente estratégico em desenvolvimento encontrará adversários estatais e não-estatais planejando estratégias inovadoras para se opor ao poder militar americano, quer pela exploração de tecnologia amplamente disponível em armas, quer integrando táticas de lado a lado do espectro do conflito. Frank Hoffman designa esses adversários de *ameaças híbridas*:

*Ameaças híbridas incorporam uma gama completa de diferentes formas de guerra, incluindo capacidades convencionais, técnicas e configurações irregulares, atos terroristas incluindo violência indiscriminada, coerção e desordem criminal... coordenadas dentro do espaço principal de batalha para alcançar efeitos sinérgicos nas dimensões físicas e psicológicas do conflito.*<sup>38</sup>

Os conflitos resultantes serão prolongados e são dependentes das percepções da verdade e da autenticidade nas populações afetadas (estrangeiras e americanas), ao invés de resultados de engajamentos táticos no campo de batalha.

De modo interessante, eles soam similares às insurgências que os Estados Unidos estão atualmente combatendo, somente mais difíceis. A curva do aprendizado não vai ficar mais fácil.

## Construindo o Exército que Precisamos

*Exceto pela comunidade das Forças Especiais e alguns coronéis dissidentes, por décadas não tem havido um eleitorado forte e enraizado dentro do Pentágono ou qualquer outro local para institucionalizar nossas capacidades de lutar conflitos assimétricos ou irregulares — e satisfazer rapidamente as necessidades das nossas forças militares engajadas nesses conflitos, que mudam continuamente.*

—Secretário de Defesa Robert Gates<sup>39</sup>

O Exército está desequilibrado, porém, não somente por causa de um ritmo operacional exaustivo e certamente não por causa de um aumento muito protelado em treinamento e educação em contrainsurgência. Em vez disso, é porque o Exército, junto com o mais amplo estabelecimento de Defesa do qual faz parte, permanece enraizado em uma cultura

organizacional que continua a dar prioridade aos requerimentos de uma hipotética guerra de grande escala em relação aos conflitos irregulares que a força militar está atualmente lutando.

Talvez não seja possível mudar a cultura das instituições de defesa da Nação em curto prazo, mas certamente é possível abordar as prioridades, tradicionalmente artificiais, fortalecendo os eleitorados internos e demandando atenção à guerra irregular.

---

***A atual estrutura do Exército para preservar as lições da guerra irregular... estão com falta de recursos e dessa forma incapazes de afetar uma grande mentalidade institucional em qualquer forma significativa.***

Por exemplo, o esforço para orientar as forças de segurança da nação-anfitriã no Iraque e no Afeganistão se beneficiaria com um Comando de Assessoria do Exército que, entre outras funções, seria um defensor para todos os aspectos da missão de orientação dentro do Exército institucional.

As atuais estruturas do Exército para preservar as lições da guerra irregular, tais como o Centro de Contrainsurgência do Exército dos EUA e do Corpo de Fuzileiros Navais, do Centro de Armas Combinadas, no Forte Leavenworth, estão com falta de recursos e dessa forma incapazes de afetar uma grande mentalidade institucional de qualquer forma significativa.

O Exército precisa reconhecer que funções-chave na contrainsurgência e em outras operações irregulares, tais como reconstrução civil e aconselhamento das forças de segurança da nação-anfitriã, requerem organização especializada, treinamento e preparação para a máxima efetividade.

A iniciativa consultiva, em particular, sofre sob o atual sistema improvisado de equipes de transição, com recursos humanos e treinamento

inadequados e sem uma base doutrinária. Dada a importância de assessores nas guerras de hoje e para os futuros parceiros dos EUA, o Exército precisa considerar seriamente o desenvolvimento de um permanente Corpo de Assessores.

O desenvolvimento de um Corpo de Assessores e outro de treinamento, educação e planos de carreira concentrados na guerra irregular devem ocorrer no contexto de um aumento no efetivo total do Exército e que deveria exceder à adição de 65.000 soldados atualmente antecipada para 2012. Dada a natureza prolongada e de recursos humanos intensivos da contrainsurgência e a necessidade de preparação para outras contingências, a única forma de conseguir um equilíbrio na força é fazê-la maior. Um Exército expandido permitiria mais tempo de permanência entre desdobramentos para um treinamento adequado na completa gama do conflito.

O Exército dos EUA se adaptou às demandas da contrainsurgência no decorrer dos últimos anos, porém, com muita dor, de um modo irregular e vagarosamente. Como o secretário da defesa observou, “no Iraque, temos visto um Exército que era basicamente uma versão reduzida da força da Guerra Fria, que com o passar do tempo pode se tornar num instrumento efetivo de contrainsurgência. Porém, isso aconteceu com um custo humano, político e financeiro assustador”.<sup>40</sup> Embora soldados e unidades individualmente tenham muito do que se orgulhar, o registro do Exército institucional da adaptação aos conflitos atuais deixa muito a desejar. Milhares de vidas foram perdidas enquanto soldados e seus líderes lutavam para aprender a lidar com uma situação não familiar. Pelo menos algumas das perdas poderiam ter sido evitadas se o Exército e a comunidade de Defesa como um todo tivessem aprendido ao invés de ignorar as lições e experiências do passado.

O papel das forças militares dos EUA na guerra irregular não pode ser desejado nem eliminado por um passe de mágica, e o Exército tem a responsabilidade de se preparar para assumir esse papel com efetividade. É irresponsável assumir que os inimigos atuais e futuros se ajustarão às forças dos EUA lutando uma guerra convencional ao invés do uso de estratégias assimétricas eficazes, econômicas, como as dos insurgentes. É irresponsável pensar que os Estados Unidos terão sempre uma escolha consciente de com quem e como lutarão — pois o inimigo sempre

tem direito a voto. E é irresponsável desvalorizar as adaptações da Guerra Irregular no campo de batalha de hoje em favor de outras capacidades que poderiam ser proveitosas em um futuro conflito hipotético.

Na profissão das armas — sejam as guerras grandes ou pequenas, de nossa escolha ou não — ainda não há um substituto para a vitória. **MR**

O autor agradece a Brian M. Burton, do *Center for a New American Security*, pela sua inestimável ajuda com a apresentação desse artigo.

## REFERÊNCIAS

1. MACARTHUR, Douglas A., discurso de despedida aos Cadetes do Corpo de West Point, West Point, NY, 12 de maio de 1962. Disponível em: <www.nationalcenter.org/Mac-ArthurFarewell.html>.
2. GENTILE, Gian P. "Misreading the Surge Threatens U.S. Army's Conventional Capabilities," *World Politics Review*, 4 de março de 2008, disponível em: <www.worldpoliticsreview.com/article.aspx?id=1715>.
3. MCFARLAND, Sean, SHIELDS, Michael, e SNOW, Jeffrey "The King and I: The Impending Crisis in Field Artillery's Ability to Provide Fire Support to Maneuver Commanders," U.S. Army White Paper, n.d., disponível em: <www.npr.org/documents/2008/may/artillerywhitepaper.pdf>.
4. GEREN, Pete e CASEY, Jr., George W. 2008 U.S. Army Posture Statement, 26 de fevereiro de 2008, ii, disponível em <www.army.mil/aps/08/>.
5. MAZARR, Michael J., "The Folly of 'Asymmetric War,'" *Washington Quarterly* 31, no. 3 (Verão de 2008), pp. 33–53, disponível em: <www.twq.com/08summer/docs/08summer\_mazarr.pdf>; Andrew J. Bacevich, "The Petraeus Doctrine," *The Atlantic* (outubro de 2008), disponível em: <www.theatlantic.com/doc/200810/petraeus-doctrine>. Para uma pesquisa aprofundada do debate em andamento, veja Peter Katel, "Rise in Counterinsurgency," *CQ Researcher*, 5 de setembro de 2008, pp. 697–720, disponível em: <www.soc.american.edu/docs/Counterinsurgency.pdf>.
6. GEREN e CASEY, "Strategic Context," disponível em: <www.army.mil/aps/08/strategic\_context/strategic\_context.html>.
7. KEANE, John "Generals' Revolt," transcrição da entrevista, *The NewsHour with Jim Lehrer*, 18 de abril de 2006, disponível em: <www.pbs.org/newshour/bb/military/jan-june06/rumsfeld\_4-18.html>.
8. GENTILE, Gian P., "A (Slightly) Better War: A Narrative and Its Defects," *World Affairs* (Summer 2008), disponível em: ww.worldaffairsjournal.org/2008%20-%20Summer/full-Gentile.html>.
9. SUMMERS, Jr., Harry G. *On Strategy: A Critical Analysis of the Vietnam War* (Novato, CA: Presidio, 1982), p. 88.
10. HERRING, George C. "American Strategy in Vietnam: The Postwar Debate," *Military Affairs* (abril 1982), pp. 57–58.
11. KREPINEVICH, Jr Andrew F., *The Army and Vietnam* (Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1986), pp. 271–273.
12. LINN, Brian McAllister, *The Echo of Battle: The Army's Way of War* (Cambridge: Harvard University Press, 2007), p. 223.
13. *Ibid.*, pp. 228–229.
14. GATES, Robert M., comentários perante a Associação do Exército dos Estados Unidos, Washington, DC, 10 de outubro de 2007, disponível em: <www.defenselink.mil/speeches/speech.aspx?speechid=1181>.
15. JENKINS, Brian M., *The Unchangeable War*, RM–6278–2–ARPA (Santa Monica, CA: RAND, novembro de 1970), p.2, disponível em: <www.rand.org/pubs/research\_memoranda/2006/RM6278-2.pdf>.
16. WRIGHT, Donald P. and REESE, Timothy R. *OnPoint II: Transition to the New Campaign* (Washington, DC: Government Printing Office, junho de 2008), p. 116.
17. Veja ALWYN-FOSTER, Nigel "Changing the Army for Counterinsurgency Operations," *Military Review* (novembro-dezembro de 2005), pp. 2–15; Daniel Marston, "Lessons in 21st-Century Counterinsurgency: Afghanistan 2001–2007," in *Counterinsurgency in Modern Warfare*, ed. Daniel Marston and Carter Malkasian (Oxford, UK: Osprey Publishing, 2008), pp. 226–232; Thomas E. Ricks, *Fiasco: The American Military Adventure in Iraq* (New York: Penguin, 2006), pp. 214–297.
18. PACKER, George "The Lesson of Tal Afar," *The New Yorker*, April 10, 2006, disponível em: <www.newyorker.com/archive/2006/04/10/060410fa\_fact2>.
19. GATES, Robert M., comentários na Universidade de Defesa Nacional, Washington, DC, 29 de setembro de 2008, disponível em: <www.defenselink.mil/speeches/speech.aspx?speechid=1279>.
20. GEREN e CASEY, "Two Critical Challenges: Restoring Balance and Funding," disponível em: <www.army.mil/aps/08/critical\_challenges/critical\_challenges.html>.
21. Veja BURTON, Brian e NAGL, John A., "Learning as We Go: The US Army Adapts to Counterinsurgency in Iraq, julho 2004 – dezembro 2006," *Small Wars and Insurgencies* 19, no. 3 (setembro 2008), pp. 303–327; GORDON, Michael R., "Troop 'Surge' Took Place Amid Doubt and Debate," *The New York Times*, 30 de agosto de 2008; COLL, Steve "The General's Dilemma," *The New Yorker*, 8 de setembro de 2008; WOODWARD, Bob "Outmaneuvered and Outranked, Military Chiefs Become Outsiders," *The Washington Post*, 8 de setembro de 2008.
22. U.S. Government Accountability Office (GAO), *Afghanistan Security: Further Congressional Action May Be Needed to Ensure Completion of a Detailed Plan to Develop and Sustain Capable Afghan National Security Forces*, GAO–08–661, junho de 2008, disponível em: <www.gao.gov/new.items/d08661.pdf>.
23. JOHNSON, Jr., Charles Michael "Afghanistan Security: U.S. Efforts to Develop Capable Afghan Police Forces Face Challenges and Need a Coordinated, Detailed Plan to Help Ensure Accountability," Testemunho perante a Subcomissão de Segurança Nacional e Relações, Comitê de Supervisão e Reforma do Governo, Câmara dos Representantes, 18 de junho de 2008, GAO–08–883T, disponível em: <www.gao.gov/new.items/d08883t.pdf>.
24. SMITH, Niel, "Sisyphus and Counterinsurgency," *Small Wars Journal*, September 17, 2008, 1–2, disponível em <http://smallwarsjournal.com/mag/docs-temp/99-smith.pdf>.
25. CRIDER, James, "A Neighborhood Reborn: A Look at the Surge, Baghdad, Iraq, fev 07–mar 08, 1–4 CAV, 4th IBCT, 1st IN DIV," apresentação ao Centro para a Nova Segurança Americana, Washington, DC, 12 de setembro de 2008, slides. Disponível em: <http://smallwarsjournal.com/documents/1-4cavcoin.pdf>.
26. Correspondência por email com o autor, 12 de setembro de 2008.
27. MCMASTER, H.R. "On War: Lessons to Be Learned," *Survival* (fevereiro-março 2008).
28. TYSON, Ann Scott, "Top Military Officer Urges Major Change in Afghanistan Strategy," *The Washington Post*, 11 de setembro de 2008.
29. GATES, October 10, 2007; Robert M. Gates, comentários para a Heritage Foundation, Colorado Springs, CO, 13 de maio de 2008, disponível em <www.defenselink.mil/speeches/speech.aspx?speechid=1240>.
30. MAZARR, p.41.
31. KAPLAN, Robert D., "A Manhunt or a Vital War?" *The New York Times*, 4 de outubro de 2008, disponível em: <www.nytimes.com/2008/10/05/opinion/05kaplan.html?pagewanted=all>.
32. Field Manual 3–07, *Stability Operations* (Washington, DC: Headquarters Department of the Army, 2008).
33. GATES, 29 de setembro de 2008.
34. Para ver mais sobre esse argumento, veja NAGL, John A. e YINGLING, Paul L., "New Rules for New Enemies," *Armed Forces Journal* (outubro de 2006), disponível em: <www.armedforcesjournal.com/2006/10/2088425>.
35. THOMAS, Jim, *Sustainable Security: Developing a Security Strategy for the Long Haul* (Washington, DC: Center for a New American Security, 9 de abril de 2008), disponível em: <www.cnas.org/attachments/contentmanagers/1924/Thomas\_SustainableSecurity\_April08.pdf>.
36. GATES, 29 de setembro de 2008.
37. GATES, 10 de outubro de 2007.
38. HOFFMAN, Frank G., *Conflict in the 21st Century: The Rise of Hybrid Wars* (Arlington, VA: Potomac Institute for Policy Studies, dezembro de 2007), p. 8.
39. GATES, 29 de setembro de 2008.
40. *Ibid.*